

Cidades

CRISE HÍDRICA NO ESTADO

Cachoeira sem o véu de noiva

Seca já atinge o Rio da Prata, em Santa Leopoldina, e queda d'água que deu origem ao nome da cachoeira está 40% menor

Daniel Figueredo
Rayza Fontes
Alessandro de Paula

A cachoeira Véu de Noiva, localizada no Rio da Prata, em Santa Leopoldina, na região serrana, perdeu a marcante característica que deu origem ao nome da queda d'água, por causa da crise hídrica vivida pelo Estado. O Rio da Prata é um dos afluentes do Santa Maria da Vitória.

Segundo o secretário-executivo do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Santa Maria da Vitória, Roberto Ribeiro, a queda d'água está 40% menor do que a vista nos piores anos de seca na região.

“Porém, por ser uma região que ainda tem muita cobertura vegetal, ainda há disponibilidade hídrica. Também não há muita captação da água acima da cachoeira, o que vai fazer com que a queda diminua, mas não acredito que ela suma. Sem chuva, ela fica sem o véu, perdendo a beleza, com a água escorrendo pela pedra.”

Ele afirmou que outras cachoeiras da região de Santa Leopoldina, como a das Andorinhas, também estão perdendo suas características por causa da crise hídrica. “Alguns trechos estão secos, como a Cachoeira das Andorinhas. Hoje, ela é só um filete de água. Essa situação se repete em toda a bacia hidrográfica.”

O Rio da Prata é o que faz o abastecimento da cidade de Santa Leopoldina e, segundo Ribeiro, a situação é crítica por causa da seca. Na região, poucas chuvas foram registradas nos últimos dois meses e são motivo de preocupação e pedido de economia de água.

“A situação só não é pior porque temos muita cobertura vegetal, que retém água no solo e faz com que a gente consiga enfrentar melhor esse período de estiagem. O rio, mesmo sem as chuvas esperadas, ainda consegue abastecer a cidade. Porém, se a situação se mantiver por mais tempo, também teremos de entrar no racionamento.”

O Espírito Santo registra aproximadamente mil dias de estiagem. Em todo o Estado, há municípios que estão passando por racionamento de água e desabastecimento. Moradores de 18 municípios já estão convivendo com o racionamento. A situação está mais crítica na bacia do rio São José, que abastece Barra de São Francisco, Vila Pavão e Mantenópolis.

A previsão do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) é que as chuvas só voltem à média a partir da segunda quinzena de outubro. Até lá, a previsão é de manutenção do tempo seco e com temperaturas acima da média.



CACHOEIRA VÉU DE NOIVA com a queda d'água farta antes da crise hídrica e, agora, com pouca quantidade escorrendo pela pedra, devido à falta de chuva

Situação crítica no Sul

O Sul do Estado pode viver uma situação de emergência com racionamento de água em várias cidades caso não volte a chover dentro de 30 dias. Essa é a previsão da ambientalista Dalva Ringuier, secretária-executiva do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itapemirim.

Segundo ela, os córregos e rios que abastecem as cidades estão secando e as previsões de chuva não são suficientes para solucionar o problema.

“Basta olhar o Rio Itapemirim para entender o que está acontecendo. É o nível mais baixo que já vi. Já está no volume morto. A água só corre quando tem declividade. O restante está represado, não tem movimento”, destacou.

Com 8,2 mil litros de água por segundo, o rio está com a menor

vazão dos últimos 80 anos, segundo a Odebrecht. O volume está tão baixo que na altura da Ilha dos Meireles um trecho do rio ficou represado pelas pedras.

Devido à escassez de água, as cidades de Itapemirim, Marataízes e Muqui enfrentam racionamento de água. Em Mimoso do Sul, por exemplo, quem for flagrado desperdiçando pode ser multado em até R\$ 784, segundo o diretor do Saae, Alan Massini Posse.

Alan disse que o córrego Santa Marta está praticamente seco e a cidade só não ficou sem água porque esse ano passou a captar água do Rio Muqui do Sul, que também não suporta muito tempo.

Em Itapemirim e Marataízes, moradores reclamam que a água sai salgada das torneiras.



MORADORES atravessam Rio Itapemirim por pedras que represaram água



Represa recebe metade da água para abastecimento

A represa de Rio Bonito, que tem feito a regulação da vazão do rio Santa Maria da Vitória, está recebendo apenas metade da quantidade de água que libera para controlar o fluxo e garantir o abastecimento da parte continental da capital e da Serra, segundo explicou o secretário-executivo do comitê da bacia do rio, Roberto Ribeiro.

Atualmente, a vazão do rio Santa Maria é de 2,5 mil litros por segundo. O número é exatamente a média de captação necessária para o abastecimento.

“Sai mais água do que entra e a represa está sendo esvaziada. Da-

qui a pouco tempo, a geração de energia vai ter de ser interrompida, pois ela está perdendo a água”, afirmou Ribeiro.

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) fez um alerta para a possibilidade de racionamento até o fim deste mês na Grande Vitória.

A Cesan informou que os rios Jucu e Santa Maria estão em situação extremamente crítica e que, se o consumo de água não for reduzido, será necessário racionar. As medidas para racionamento, no entanto, dependerão da vazão dos rios e da economia da população.

Vazão dos rios Situação é extremamente crítica



Obs.: Medição da Cesan no Rio Jucu, realizada em 05/09/2016.

Obs.: Medição da Cesan no Rio Santa Maria da Vitória realizada em 05/09/2016.

Fonte: Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh)

DIVULGAÇÃO



**CAFÉ
CONILON:**
Estado
é o maior
produtor desse
tipo de bebida
no Brasil e o
segundo maior
no mundo e
teve queda de
cerca de 50%
na produção

CRISE HÍDRICA NO ESTADO

Queda na produção de café afeta o País

O Espírito Santo é o maior produtor de café do tipo conilon no Brasil e o segundo maior produtor deste tipo da bebida no mundo. Com a seca, a produção no Estado caiu cerca de 50%, de acordo com o presidente do Sindicato do Comércio de Café em Geral do Estado (Sindicafé), Luiz Antônio Polese.

“Se somarmos os cafés do tipo conilon e o arábica no Estado, equivale a cerca de 25% da safra brasileira. Com a seca prolongada e a diminuição da produção, o mercado brasileiro e até mundial ficam em alerta, porque o crescimento no número de consumidores de café é de cerca de 3% ao ano. O preço da saca vai subir, porque a demanda pelo produto existe”, explicou.

O presidente do Sindicafé reforçou que um aspecto importante do conilon está na sua utilização como parte principal da mistura que forma os cafés do tipo solúvel e também no tipo torrado e moído, mais conhecido pelo consumidor como pó de café.

O diretor-presidente do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), Marcelo Suzart de Almeida, explicou que os baixos níveis de umidade no solo, em decorrên-

cia da defasagem nas chuvas desde o ano passado, são um agravante na queda de produtividade de café e outros gêneros agrícolas.

“No Norte e Noroeste do Estado a situação está muito crítica porque os índices de precipitação ficaram abaixo do esperado, menos de 25% da média. Outro problema é que o teor de umidade do solo está próximo de 10% da capacidade, o que é ruim, pois mesmo que a chuva chegue, o solo vai demorar a se recuperar”, explicou Marcelo.

COMÉRCIO

Na região Noroeste do Estado, uma das mais afetadas pela seca e grande produtora de café, está o município de Marilândia, que vivencia um impacto significativo na queda de produção, com reflexos no comércio local.

“Estamos muito preocupados, mais um verão sem chuva deixa a gente sem possibilidades. Estamos usando carro-pipa e água de poços, lagos, as reservas todas. No comércio, a perda estimada é de cerca de R\$ 4 milhões, oito lojas já foram fechadas e as pessoas evitam consumir, porque têm medo de gastar”, disse o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Marilândia, José Carlos Casali.



OCTACIANO NETO, secretário de Estado da Agricultura, afirmou que é importante reforçar a cobertura vegetal no Estado, para ajudar a produzir água

Desafio é reservar água

Para enfrentar a crise hídrica e minimizar os impactos da seca no Estado, a ordem é produzir e reservar água, de acordo com o secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), Octaciano Neto.

“Precisamos estar mais preparados para enfrentar os fenômenos climáticos como a seca e o excesso de chuvas, porque eles são recorrentes. O importante é reforçar a cobertura vegetal no Estado, para ajudar a produzir água, e também investir nas reservas de água superficiais, para não sofrermos tanto na seca”, explicou.

Segundo o secretário, além da produção de café, a pecuária leiteira e a fruticultura também estão sofrendo significativamente os impactos da falta de chuva.

“A pecuária de leite teve uma produção 50% menor, a fruticultura também sofreu muito. O consu-

midor sofre diretamente com estas variações, assim como os produtores. Embora as regiões Norte e Noroeste estejam há mais tempo sem chuva, todas as regiões do Estado estão sofrendo com os impactos da falta de água”, disse Octaciano.

O superintendente da Associação Capixaba de Supermercados (Acaps), Hélio Schneider, usou o mamão como exemplo de produto cujo preço aumentou significativamente com a seca, além de citar o leite e derivados, o feijão e as folhas como alface e couve.

“O consumidor vê a alta do preço diariamente, no caso do mamão, por exemplo, o quilo saltou de R\$ 3 para R\$ 14. Quando o produto está em falta no Estado, o transporte para trazer de outros locais o encarece. Chegamos a ter problemas de abastecimento a ponto de buscar em São Paulo.”